

MOCIDADE LIVRE

PELA REPÚBLICA

Edição

HOMERO DOS SANTOS CRACO
António de Oliveira
JOSE RODRIGUES R. MARQUES

Aristides da Cunha - Série de 12 número 500.

DIREÇÃO DE

José dos Santos Pardal e Luís Pinto Garcia

PROPRIEDADE DO GRUPO «MOCIDADE LIVRE» (EM ORGANISACAO)

Redação e Administração

RUA 5 D'OUTUBRO—CASTELO BRANCO
Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MINERVA—COVILHÃ

Publica-se em todos os países-fretes

SEMPRE EM FRENTE: PELA REPÚBLICA!

Quando em cinco de Outubro deste ano, os doze rapazes que constituem o grupo «Mocidade Livre», conceraram em iniciar nesta cidade a publicação dum jornal de propaganda republicana, a notícia, por inexplicável, espalhou-se rapidamente entre a população cidadã.

E não nos faltaram palavras de incitamento, promessas de auxílios—se necessário fossem,—sabios conselhos de honra que, pela sua conduta, são crédores do respeito e consideração de todos.

E isto trouxe-nos a agradável certeza de que tinhamos um dever a cumprir, de que tínhamos, voluntariamente muito embaraço, contraído uma dívida para com esses homens.

Essa dívida, que nós reputámos uma dívida de honra, começou a amortizar-se com o aparecimento de «Mocidade Livre» que confirmará, desassombradamente, a pésar a rota que a si próprio traçou:

Sempre em frente: Pela República!

De todos os indivíduos que nos enviaram felicitações e nos ofereceram a sua solidariedade, nenhuma pessoa de conhecida prolihidade política, que nos fez a seguinte afirmação: «Propaganda! com a antecida da Vossa mocidade virá, o idealismo santo da Democracia».

Foi isto, pouco mais ou menos, o que esse republicano disse. E foi ele o que melhor nos soube falar, o que melhor soube tocar as fibras mais sensíveis da nossa alma.

Porque, o que para muitos seria uma razão para desanimos, foi para a nossa juventude ardente, ávida de nobres compromissos e de heroismos mais vastos, o mais eloquente dos elogiamentos: a certeza de que a nossa iniciativa se justificava plenamente e que, para a pôr em prática e levá-la a bom termo, era necessário dispor de um somatório de energia e de entusiasmo que o nosso «saber querer» sobejamente possuem.

E o almejado repouso é tanto mais agradável quanto mais longa e difícil é a jornada, esta moçidade que por todo o país, num nobre exemplo de civismo, abandonou a vida fácil e despreocupada a que a sua idade de direito e mete homens, nos tempos que vão correndo, a difícil empresa de fazer luz onde só há trevas e de querer uma justiça para cada iniquidade, deve ser uma consoladora proressa para aqueles que, por despeito, se puizeram à margem da política e querem deixar de ver na Democracia a aurora redemptora da Humanidade.

Castelo Branco não é, uma mancha negra no mapa de Portugal. E a atesta-lo está a ascendente com que o público agarrou a saída de «Mocidade Livre», o entusiasmo com que a recebeu, o sem número de cumprimentos e felicitações que à nossa redacção têm chegado e a tiragem que teve logo nos primeiros números e que sobreleva de qualquer outro jornal da nossa terra.

Castelo Branco é republicana, e por essa consolidadora certeza respondemos nós. A questão é outra, muito diferente. Temos muitos republicanos, masfíssimos mesmo, mas na sua maioria não têm a nítida intuição do que é ser-se republicano. Julgam que para isso basta afirmarem-se republicanos.

O seu marasmo é tal que se não fosse esta diaz de rapazes, continuámos, para nossa vergonha, sem um jornal que pudesse defendê-los e eleger a República dos ataques pou-

(Continua na 3.ª página)

MOCIDADE...

Os factos históricos, assim como as estações da Vida, só devem ser vividos quando isto é depois de se encontrarem nevados pela poeira do supremo julgamento do Tempo. Por isso, talvez, não conviesse à minha imaginação o direito de recuar, por este pobre linguista, esta humilde pena, frágil lança que meus compatriotas, em vez de meus amigos, usavam no vasto redondel, chão de auras e glórias, que é o jornaillismo. Mas, porque a cér viva dos factos se vai estendendo, qual calda flor, de encontro à penumbra da Saude e da Desfida, desfeche de uma inigualável aspiração de Felicidade e Alegria, e só por si, em aperto de tempo, morre em que meu peito vive acelerado pelo logo ardentíssimo da mocidade, para cebar, ainda que a luz do meu espírito apena consiga reflectir uma pálida luz da Verdade, o valer generoso desa pleia da Juventude—Renaissance da Vida Social!

* * *

A Mocidade é a seiva por elaborar na arvore ramificada da Sociedade, para que, mais tarde, comece parte integrante desse complexo organismo, em que cada indivíduo constitue uma celula; é alguma coisa de grande e de turbulento onde quer que esteja, por que, quando é, é um ponto luminoso onde os ideais tem pregoado os olhos, conscos de que é Ela a celula que marca o progresso ou a retrogradação de um bolo: é uma aurora risiosa cheia de entusiasmo e alegria; é a renovação da Geração-Nova; é o renascimento da Juventude; é o centro do mundo que já não ignora conseguiu conferir A verdadeira Mocidade é um deserto assolado de Luz, porque procura alguma coisa que nunca encontra, mas põe onde convergem todos os seus esforços, numa ameaçada heróica.

Não basta desse esforço empregar toda a sua energia voluntária, com a desculpa que a sangue de desespero, transpor montanhas de adversidade. Foi a Mocidade, consciente da sua função nómada da organização social, que na França, Alemanha, México, Espanha e outras Nações deu o melhor do seu esforço e do calor da sua amizade, para que os povos dos continentes do Hemisfério. Eis Portugal, é essa mesma Mocidade que se ergue num rango elevado, num gasto sólido de patriotismo, recusando recuar, em nome da integridade Nacional, o avultante ultimato da Inglaterra, a eterna claque a depurar a guerra, a dar um parigma pernambucano.

E ainda mais, quando que conste, barbaramente na revolta do Porto, em 1891 e que mal tante se levanta, em Coimbra, herói da propaganda republicana, nos tempos que formou o prenúncio da elevadíssima de 5 de Outubro de 1910.

Artur Molinari Freitas

NOTAS SOLTAS

No país de Staline

Noticiaram os dias os jornais que os Soviéticos tinham dirigido convite aos técnicos de todo o mundo, constitutivos de um sem a aplicar a suas actividades naquela Pátria, para que os mesmos renunciasssem suas saudade elevadas.

Louvo e paixão...
Louvo e paixão...
Louvo e paixão...
Louvo e paixão...
Louvo e paixão...

Louvo e paixão interpretado mal a notícia?

Até parece capricho...

Encerrado

Mais uma vez a moçidade republicana das Escolas aprovou o seu arrependimento a favor da República e à Liberdade, elegeram o seu presidente, o seu vice-presidente, que disputava a direção da Associação Académica da Universidade do Porto.

O mesmo dia, apesar das protestos e da reacção das autoridades, o professor da Faculdade de Direito das universidades portuguesas, a Mocidade Portuguesa, celebrou missa quinta.

Silêncio

Enrolado Encerrado o anistioso.
Conselheiros sentar para a arte de
Censo a plástico d'Artigues c'ho' do burgo.

Conselheiros sentar para a arte de
Censo a plástico d'Artigues c'ho' do burgo.

O diafo só se separou... Nem o pro-
prio quia nova com elas.

Tem graxa

O populaz sentiu... Porque sentiu?
O populaz sentiu... que as Indias novas
foram alguma infestação de vassouras e
tartarugas que o dão de dor.

Cavou densa... Cortado... E o que
sucedeu que aíntem aíntem o lobo.

Quem com heras mata

Terremos que lhe faser e extens?...
Considere-se, perdeu não ha eterno.
Quem com heras mata, com heras
mata.

Cega a si auz, morgue...

Cesta jornaíl solitaria, um dia, que nu-
ma sônia solene na sala das Capelas da
Universidade de Lisboa, com estudos
de erudição, de erudição com observações e
memórias, o discursu do Rector da Universi-
dade e criticava auperiormente o procedimen-
to de erudição.

Mas certo dia, a mesma gazetaria, at-
tricava que em Paris, os «canetas» da re-
volução republicana, os «canetas» da re-
volução alguma confusão socializante des-
truíram o mordilho e expulsaram os de-
mocratas políticos... e habsaria de gozo,
louvo e paixão... louvo e paixão... louvo e
paixão gloriosa laçada.

Quem te via e quem te vê?
Nem parece o membro...

Intolerância

Certo jornal noticiava, um dia, que nu-
ma sônia solene na sala das Capelas da
Universidade de Lisboa, com estudos
de erudição, de erudição com observações e
memórias, o discursu do Rector da Universi-
dade e criticava auperiormente o procedimen-
to de erudição.

Mas certo dia, a mesma gazetaria, at-
tricava que em Paris, os «canetas» da re-
volução republicana, os «canetas» da re-
volução alguma confusão socializante des-
truíram o mordilho e expulsaram os de-
mocratas políticos... e habsaria de gozo,
louvo e paixão... louvo e paixão... louvo e
paixão gloriosa laçada.

Quem te via e quem te vê?

LICENÇA DE CASTELO BRANCO

Segundo noticiavam os jornais de Lis-
boa, o governo deu licença de viver
para outros em direções Lícias.

Reis 200 contos, Rodrigues de Fre-
itas 200 contos, Eça 200 contos, Pintor
200 contos, Góis 200 contos, Caste-
lo Branco 200 contos.

Triste fim das vinhas do Senhor...

O Povo é ignorante, porque a Igreja Clerical, apostólica, romântica—quer por sua directa e descaravel influencia nela, quer, indirectamente, por via dos sacrifícios de todos os créditos, vestuários sexos—assim o tem condenado à incultura da inteligência—para o manter amarrado à escravidão do corpo e do espírito.

Que os vigários, porém, solidários com todos os sacrifícios exploradores do Povo—vão comendo, à mesma mesa dos sacristões, o produto do trabalho do Povo que eles escravizam—vá! E essa é a normalidade da ordem, estabelecida pelo clericalismo apóstolico-romano!

Ele lá diz—nas cartilhas, nas encyclicas, nas pastoralis—nas arengas dos seráficos doutores—que «a besta que trabalha, para os outros gozarem as comodidades, os confortos, os luxos, as clericais delícias desse mundo efêmero—sofra com paciencia as agruras do seu destino—pois tudo isso será para maior glória de Deus»—Deus lá está de olho aberto às portas do Céu, para lhes dar as melhores apostações nas beatitudes do Paraíso.

Mas que suas reverencias lá por usarem a cara rapada como aguado é uso em soberba altaria—usam entre todos—se arroguem o direito de dizer toda a casta de tolices—em afirmações gratuitas...

Quem suas reverendissimas—consubstanciação da contumacia irracional—continuem a dizer que foi o Padre Eterno que disou, por sua omnisciencia, todos os erros crassos dos respectórios sagrados, todas as falsidades bíblicas—ainda se tolerá risomamente....

Na barricada

Não algures falar amigo que a igreja se recusa exercer uma expressão guerrilha de combate... Longe disso. Na França, é a barricada da Liberdade. A massa barricada é mais um sono profundo de combate, pôs isto?

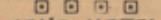
Este grupo de novas que agora se juntam no topo de resistir não tem a vontade de querer ter idéias boticárias, São governadas pela mesma razão que desmentem.

Vai combater, para destruir o edifício existente, para construir o novo edifício da República. As idéias que a França de 1789, criou, multiplicaram por completo o homem político. O que se passou na França se extendeu só em Janeiro de 1801 e criaram reais defuncionantes em 1802—imploraram.

A República não está só. Aí sua volta estão congregados todos os seus filhos. E quando o clarim soar para a chamada, os nossos soldados, gritaremos:

Agui estremos.

L. G.



NOVO HOTEL

Encontra-se em exposição, na montaria da Farmácia Gracie, ao Campo da Patria, o projeto do novo Hotel que se denominará Hotel Park, a construção da qual está sendo feita pelas Companhias de Inovação e Tarami.

Mas que os vigários levem a sua consciência até ultrapassarem os horizontes toleráveis da sacristia, e, tomando, por sua vez também, ares de *padres eternos*—desandem a afirmar, nos periódicos da classe, como sentenças da lei dictada a todos a gente por Deus—necessidades eclesiásticas, que falem rir lá por dentro, os propósitos que lhes ajudam à missa—issos... não!

Apre, que o decretu parece que não foi ainda—em Bíblia nenhuma—dispensado aos padres da Igreja de Roma—não obstante os sudores de podridões, em que permane a insosfável eloquência dos factos—so alto, por toda a eternidade, a história do papado.

Então, que diabo aprendem elas no seminário? Qual foi a *educação sacerdotal* que lhes ministraram nesses institutos? Que competencia têm esses diretores espirituais, que conseguem em dar a investigação, dar ordens—a quem não nasceram para as exercer entre gente civilizada—á luz de todos os progressos intelectuais do mundo—pois que, devendo tornar-se cada vez mais iluminados cultores do pensamento social do Evangelho—nem sequer se recomendam como ordinários oficiais do culto?

Pobres e incríveis vigários da Sua Santidão!

Incapazes de alquevir—fazem das vinhas do Senhor um airoblho deserto, árido, murrado—onde só restam n'uma desoladora melancolia, n'um silêncio estéril nostálgico, eterno—as pedras sécas da fonte de Jacob!

CARLOS BABO

Folhas caídas

Nossa Nossa alguma se salvou pelo resgate, nem se regenerou pelo absolutiono—TEOTONIO PAJIM.

Compreender uma causa justa e não a praticar é uma cobardia—CONFUCIO.

Em diaz a minha liberdade tanta alto quanto que o círculo de todos os rios da massa doce chegará para me consolar—DEZ-CARTES.

...a desonraça é essa idéia, a repulsa é esse sentimento de humilhação que a tua dignidade ou tua ação te faz sentir, a repulsa é o teu poema—ANTERO DE QUINTAL.



IMPRENSA

Permitiram conselhos e politicas—o nome aparentemente, endereçando-nos palavras amigas e de saudação—às nossas preceas colegas—*RÁDIO*, da Covilhã, *LINHA GERAL*, de Leiria, *BEIRÃO*, órgão do Grémio Beirão de Lisboa, *REPÚBLICA*, de Lisboa, *DEMOCRACIA DO SUL*, de Evora, *ALA ESQUERDA*, de Coimbra, *GRAMADA*, de Coimbra e *BOLETIM OFICIAL*, órgão do Sindicato da Pregaria Imprensa. A todos, saúdo obrigadissima.

O Problema da Assistência

De entre os problemas, que reclararam a nossa atenção, destaca-se, sem dúvida, a assistência social, o da assistência pública.

Enquanto, por toda a parte, se pecava por todas as formas atender à miséria dos que sofrem, victimas quasi sempre, da organização social do meio em que vivem, entre nós o problema da assistência não conseguia ainda interessar a opinião pública.

Esta ignorância indifference. Só a ignorância de uns e do egoísmo de outros, coloca-nos numa situação inconsciente de infelicidade e de azar que nos envergonha.

Por vezes, na imprensa local, uns os *outros* vez, isolados, tecem profunda inveja ao assunto que existe, e que existiu, e que, evidentemente é a consciência pública. Ainda há pouco sucede com o grito de alarme lancado contra o maior flagelo da humanidade, que é a tuberculose, que no nosso concelho, como de resto, em todo o país, vai afastando, dia a dia, duas forma de morte.

Talvez o mal seja endémico e evoluciona—e assim das veces dum maléfico leproso, levando meses ou anos para completar a sua obra destruidora, o público só aprecebe do pêrgamo, sem sentir pelo terrible flagelo aquele terror que nos causa as epidemias de tuberculose regular.

Para compreender o perigo avestruz, se esteja à vista da construção dum grande sanatório, que à semelhança das antigas graffitis se estendesse ao convívio dos óculos e milhar de tuberculosos que pelo distrito se arrasta, semeando o bacilo de Koch.

A ideia que a muitos pode parecer boba e geniosa, não passa disso.

A experiência tem demonstrado quanto a preservação e tal, pouco custosa e eficaz comparada à química hospitalização de todos os tuberculosos.

O alvitre de adoptar o antigo costume de isolamento, que ainda é uma das melhores obras da Repúbl. é, ousta finta, que também não é viável. Depois a ideia de juntar no mesmo edifício os tuberculosos curáveis e invincíveis nem ao diabo lembraria.

Se al estresse o remedio, ha sujo já que o mal tem desaparecido da maioria das populações mundiais que fez do sanatório a base da sua organização anti-tuberculosa.

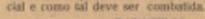
Quer isto dizer que crezemos os leigos em face da iniqua trágico e dissimiladamente nos dizem?

Pelo contrário, precisamos sair desta apatia e indiferença que são a causa da morte de milhares.

O problema das hots anti-tuberculosas, largamente dedicado em congressos e academias, é hoje um assunto estabilizado.

Porém, nestas, tanto as tentativas feitas têm, seguramente o mesmo valor eficaz. D'essas obras, devemos escutar as que temos dado melhores resultados—antituberculose e as circunstâncias do meio, cuja ignorância é ainda o maior obstáculo à prática de qualquer medida de combate à tuberculose, que é uma doença social e como é tal deve ser combatida.

PARACELSO



ATRAZO

Por motivos extrahidos ás nossas vidas, —Nestas horas, sei com dor de tirar que que podemos desfrutar, fazendo votos para que os teus centratemplos são teus.

Dr. Magalhães Lima

Passou ontem mais um aniversário da morte do interentor deidor da Liberdade e do Livre-Pensamento, que era vida, é morte, o Sacerdote Sébastião de Magalhães Lima. Chester imposto, homem de uma só só, ofereceu a sua vida honesta e suave, que deve ser um exemplo para os novos, em holocausto a sua Deus.

Sacrificou-se sempre sem um grito, batendo sem um deslumbramento em prisão, prisão dura e general, que Ele tanto sofreu e ajudou a implantar em Outubro de 1910, na República.

A seu oratório furem das almas aos conócios republicanos e nos congressos internacionais de Roma, Paris, Berlim e Londres defendeu sempre a liberdade de pensamento e prezou o nome País que lhe chamaam o «diplomata da Democracia Portuguesa».

Desinteressado e idealista, jamais recebeu benesses do Estado ou a seu cargo públicos resuscitados. Agapitado pelo jornalismo, onde iniciou um lugar de destaque, «sua personalidade era sempre respeitada», «sua principala de Democracia», colocando-se no lado dos optimistas e dos sonhantes; defendeu o Pacifismo que Ele o primeiro a introduziu em Portugal; proclamou bem alto e disciplinou as aspirações lemnitas.

E por que Ele mereceu o carinho e o reconhecimento do Povo Português que em massa o acompanhava até à sua ultima justa summa manifestação de Dele e de Sustentado.

Recordando a sua memória querida e procurando assim-lhe na sua vida exemplar associamo-nos aos homens que querem sempre servir o Povo liberal português lhe rende, num sentido preto de eterna gratidão.

9 de Dezembro de 1931.

A. R.



Notícias passadas

Regras

De Lisboa, regressou, acompanhado de sua mãe, a Sr.ª D. Laura Alves.

—Já se encontra no Retiro, vindo de Lisboa, a Sr.ª D. Maria Belo, esposa do sr.º Manoel Nunes Belo, nosso assistente e tesoureiro da Filial da Colxa Geral de Depósitos, desta cidade.

Doutras

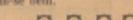
Encerrado o encontro o sr. Joaquim Simões da Silva Trigueiros, pal do Dr. António Carvalho e muito amante sr.º de José Simões da Silva Trigueiros. Desejamos-lhe um prosto restauro.

Aniversários

Fazemos aniversário no dia 2—2 sr.º D. Maria do Carmo Pissam Lobato Xavier; no dia 3—sr.º José Garrido; no dia 4—sr.º Manoel Barata Marques; no dia 6—sr.º D. Maria da Graça Pinto Bernardo; no dia 7—o sr.º José Joaquim dos Santos Osório.

Nascimentos

Tive seu bom sucesso a sr.º D. Beatriz Fernandes Lobo Heitor, esposa do professor sr.º José Joaquim dos Santos e Siva. Mil e São encontrem-se bem.



Os seu bom sucesso a sr.º D. Beatriz Fernandes Lobo Heitor, esposa do professor sr.º José Joaquim dos Santos e Siva. Mil e São encontrem-se bem.

PROBLEMAS SOCIAIS

A crise do desemprego

O desemprego é hoje, sem dúvida, um dos problemas que mais preocupa os governantes de todos os países, os governantes sinceros e honestos que à casuística do bém comum dedicam o melhor da sua actividade e inteligência.

«Mocidade Livre», publicando algumas rápidas considerações sobre esta momentânea questão, não logo do programa que a si próprio impõe: defender tanto quanto é bom e justo, os opri-midos e os desgraçados.

O nosso País não é, felizmente, dos que maior contingente oferece para a legião apavorante dos desempregados. Isso, poréi n, não deve ser uma razão para que o problema continue á mercê do destino, antes deve ser um incentivo para aqueles que, legalmente, podem e devem solucionar a questão.

Até hoje, no que parece, uma única solução (?) tem sido empregada para atenuar a gravidade da crise do desemprego: a subvenção ao desempregado.

Resolveu-ela o problema?

Em nossa opinião—opinião modesta, sem dúvida—ela não só o não resolve como tende ainda a agravá-lo. E dizemos que o não resolve, pelo menos social e humanamente, porque é humilhante para aqueles que, querendo trabalhar, se obrigam a aceitar uma esmola, muito embora ela venha do Estado, e ainda porque predispõe necessariamente todo o indivíduo que durante muito tempo esteve sem trabalhar para continuá-lo a não trabalhar.

Subvencionar o desempregado, não lhe dando trabalho, é fulminar na Sociedade um sér que a força das circunstâncias tomou impropositivamente, e despedir uma inteligência ou um braço que lhe podia ser da sua máxima utilidade.

Alem disso, a subvenção ao desempregado dá sempre lugar a uma série de abusos que a boa intenção do legislador não permite prever.

A Áustria, cuja população total é de 6.000.000 de habitantes, contribui para a legião dos desempregados com a cifra avaronante de 1.000.000.

Osçamos é que a este respeito nos diz o repórter do diário madrileno «AHORA»: Francisco Melgar e que justifica plenamente o que vimos afirmado: «na centena de milhares de operários que não fazem o mínimo esforço para encontrar trabalho, julgando que a subvenção que forçosamente lhes

paga o Estado é suficiente para as suas necessidades modestas. Há também muitos amposessos, filhos de pequenos proprietários, que se aliam para os trabalhos do campo durante a bona estação e que, terminada esta, descamparam durante seis meses cobrando como operários sem trabalho meio ordenhado».

De tudo isto uma usica conclusão pode tirar-se: que a crise de desempregados não pode ser solucionada pela vulgar subvenção ao desempregado.

Como solucioná-la então?

Adentro das classes operárias o problema pode resolvêr-se com relativa facilidade: se o Estado tem necessariamente, seja qual for o processo seguido, de dispensar dinheiro, que o faça provisoriamente, isto é, promovendo a execução de obras de interesse nacional, abrindo estradas, construindo caminhos de ferro, etc.

O grande proprietário e o grande industrial teriam, evidentemente, um papel importantíssimo a desempenhar na solução do problema. Desses, porém, pouco ou nada há que esperar, a não ser que os acontecimentos, precipitando-se, lhes façam ver claro a situação e os oorigem a arrepender caminho.

Adentro das outras classes o problema é, talvez, mais difícil de resolver. No entretanto estamos convencidos que ele se atenuaria grandemente sem necessidade de sobrestrarrecer o tesouro público. Semelhante, vejamos o que se passa em Castelo Branco:

Todos sabem que na nossa terra há individuos que auferem proveitos de dois e mais empregos. Na classe dos reformados o caso é ainda mais notório: alguns ha que tendo uma reforma que lhes chega e sobaja para o sustento dos seus, estão recebendo chorudos ordenados de mais dois empregos públicos. E isto é uma afrenta para aqueles que, desejando ganhar honestamente a sua vida, se vêem na dura contingência de estender a mão à caridade, quer ela seja pública, quer provenha do Estado.

Haverá alguém que não seja já ainda capaz de encontrar o X do problema?

Para isso, basta que haja apenas um pouco de justiça.

E justiça todos nós temos o direito de exigir, e é dever de no-nos fazerem aqueles que o Povo escolhe para seus dirigentes.

S. P.

CARTA DO PORTO

Temperaturas e casamentos

Mais casas maiores livres:

O Porto é, positivamente, uma servidão do País Norte. Andava constantemente a «bater o dente» e, para cumulo da nossa desgraça, apareceram sempre um tripéiro com esta prensa:

— O que, já tem frio? Olhe que isto ainda não é outono!

Porto se não ainda não é outono, dir-lhe que, se quisessem continuar a receber regularmente essas miúdas exortações (?) episódicas, tem de despedir uns bons escudos e oferecer-me alguma agasalho.

Estou já a avisar o administrador:

— Mas que é de verba?

Ora, mas amigos, é mais um sacrifício que a minha colaboração compensa vantajosamente.

E é bem certo que muita gente anda no mundo por ver autor ou outros. Caso, às vezes, seja isso.

Em Castelo Branco, os altos e os baixos «à sentença», que fazem a delicia das Esvas (nas línguas), passam-me quando sempre despercebidos e só muito tarde chegam as mesas colectivizadas.

Ex parte, desconfio a que se joga oportunidade e, quando é necessário evitá-la, dois linguados, longo mês de qualquer custo, quer seja operário ou importado, temporão ou não.

Um desses casos constava-me um amigo do outono,—com o sacramento e segredo,—que para mim é síntoma de «morte para o jornal» — como segue:

«Um demócrata albacrense — ou que só muitos anos a vive — afirma-ho tempos que só casaria com duas ou três oficial do Exército.

A gravidade do caso exige que se tornasse uma resolução energica e argentea, e os estudantes albacrenses, depois de muito matutarem, resolveram dar publicidade à seguinte:

«Em sinal de protesto contra gravação que amaga nossa liberdade e, atendendo a que entre nós existem muitos apologistas do celibato que podem vir a ser vilões do matrimonio-maria de certa Era, declararam publicamente que abandonavam os estudos.

Não queremos ser doutores nem ofícios.

Este resolução despeitou, ao que parece, muita gente; e, como premio de consolação, resolveram colocar no topo da projecção: Avenida dos mártires armados ao do Campo dos Mortos da Pátria — que, a dar ondulas nas bibliotecas, o Movimento aos Mortos da Grande Guerra com o seguinte epíteto:

«Aqui jaz o casamento da Infanta Era... barbaramente assassinado pelos estudantes albacrenses». — R. I. P.

Luz

E' demais o que se está passando com a iluminação da cíduade.

Ha pouco tempo por, avaria no motor, vivemos durante uns dias mergulhados em densas trevas como se Castelo Branco cidade capital do Distrito, não valesse mais do que qualquer aldeia serrana; cumprida esta penitencia ah! a temos de novo, mas tão frágil e pobre, que nos deixá saudosos dos remotos candeeiros a petróleo; e como se ainda não tivessem levado a nossa cruz ao Calvario a uma determinada hora, entretem-se a jogar as escondidas, aparecendo e desaparecendo, até que, ou se apaga de todo, ou continua bruxoleante, timidamente, indecisa como que envergonhada das areias e dos prejuízos que nos causa.

Ora nós não podemos tolerar por mais tempo este insuportável estado de coisas.

Sabemos que a C. A. da Camara Municipal, não se tem pougado a esforços para solucionar este magnifico problema. Que continua sem desalçamentos a trabalhar para sua solução e terá merecido dos albacrenses o reconhecimento eterno.

■ ■ ■ ■ ■
Sempre em frente pela Republica!

Conclusão da 1.ª página

co correctos dos reacionários locais.

«Mocidade Livre», porém, ha-de conseguir que este estado de coisa se modifique, misto embora á custa dos seus melhores esforços.

Ser-se republicano não é uma vergonha; é orgulho.

Empregar a nossa actividade na conquista do bem comum, da solidariedade humana, não é um crime; é uma virtude.

E assim, do menos culto ao mais sabio, do mais humilde ao mais poderoso, sem exceções, bradejemos todos, convictamente, desassombradamente:

Sempre em frente: Pela Republica!

S. P.

Cartas Manuel Maria Coelho

Ultimamente abriu-se acordando as melhores destas prestações democráticas e heróicas de 31 de Janeiro.

Tratava-se de que os estudantes albacrenses se congratulasse com as melhores do nosso Bairro constituinte e valiosos colaboradores.

■ ■ ■ ■ ■

SAUDAÇÕES & MOCIDADE LIVRE

Varia amizade e correspondências têm sido felicitantes, pelo aparecimento de cartas e telegramas, sempre com agradável atenção que lhe inspiravam, despendendo a costa sagrada da Liberdade e da Democracia.

O vosso encanto que os nossos amigos ligaram-nos sempre agradou-nos agradavelmente, e que descreveram.

A todos, muita obrigada.

Visado pela censura

Porto, Novembro de 1931.

Má-Ligas

A HAVANEZA

DE
JOSE MARTINS BISPO

Campo da Patria

CASTELO BRANCO

Tabacaria e Papelaria

Luz Electrica e Força Motriz

Bicicletas e acessorios

Nesta nova casa encontraram V. Exas. todos os artigos da sua especialidade assinados por fabricantes.

Tabacos e charutos, nacionais e estrangeiros.

Artigos para fumadores, baquelitas, tabacuarias e accendentes.

Tudo o artigos de papelaria, para Liceus, escolas e escritorios.

Magnifico sortimento em papéis de carta em enxadas e em carteiras de um catálogo, o mais modesto e o mais fino.

Estatos e todos os artigos para desenho.

Tintas nacionais e estrangeiras para todos os fins.

Cartelarias e porta-moedas.

CADERNOS DIARIOS se prego de 1\$50

Material electrico para todos os fins.

Lampadas para automóveis e iluminação.

Lanternas electricas de bolso de todos os modelos e Pilhas para todos os modelos de lanternas.

Instalações electricas para iluminação e força motriz.

Carregador de rap arremate baterias de automóvel e T. S. F.

Fornecimento, montagem e reparação de Dinamós, Magnéticos, Baterias, Telefones, Campainhas, Para-Saias, Aparelhos de T. S. F. e Bicicletas.

Orçamentos Gratuitos.

AGENCIA EM CASTELO BRANCO dos Frades «FIRELUX» para automóveis e bicicletas.

Agente das afamadas fábricas Francesas «PEUGEOT» a unicos que oferecem garantia.

E para o proveito, A Havaneza tem para alugar, 4 d'estas bicicletas desde 9 \$-A-Dia, sem que seja esta data tenha havido qualquer avaria de importância.

Graduado-se nos vistos e este caso V. Exa. se certificará da modicidade dos seus preços e de absoluta seriedade em todas as transações.

ARNALDO SEIXAS

ENGRAXADOR

Participa aos seus estimados fregueses que se encontram das 7 ás 11 na Praça Nova, com a sua engraxadoria e venda de Postais Ilustrados e das 12 em diante no

Café Lusitania

Recebem-se todos os trabalhos de tingimento em malhas, pastas, boches de Cabedal e todos os artigos que digam respeito á sua arte na

Rua das Gabeças, nº. 6
Castele Branco

Perola Albicastrense

— DE —

Viúva de Noé Lopes

CAFÉ RESTAURANT

Agencia de Jornais e da Companhia de Seguros

Portugal Previdente

Castele Branco

ANUNCIO

Pelo Juiz de Direitos da comarca de Castele Branco e cartório do círculo do 3º ofício que este subscreve, vai á procura para ser arrematado em leilão público, pelo maior lance oferecido, no dia 13 do corrente mês de Dezembro, às 10 horas da manhã, no seu tribunal judicial de sessão, contra a my Arrenda Vaz-Pires, a seguinte:
Uma lanchonete Heinrich-Lanz-Matheshein, em perfeito estado de funcionamento, com ceato e novetas casas de terra, a qual acima toda a laje da Rua Pedro, situada junto à estação de caminho de ferro, em Al-

cina, com os acessórios e pertences da mesma máquina. E, na presente seguida verá á procura, ao valor de 500\$000 por ter sido perdida na execução que a firma «Tau-cas» Companhia de Comércio e Fomento Agrícola, move contra a firma Triguedos de Aragão, Lameiro, de Alcântara. Para pagamento de quase 100\$000 que a ditta firma nomeou legais juros e custas da execução. Por este sólido que sejam todos os credores incertos nas termos da lei.

Castele Branco, 2 de Dezembro de 1931

O Escrivão

Alexandre Lourenço Leitão

O Juiz de Direitos

Amadeu de Castro

Cine-Teatro VAZ PRETO

Armeda Vaz Preto

Telefone 121

Seções todas as quintas-feiras e domingos.

Films a exhibir em DEZEMBRO DE 1931

Domingo, 6

Vista, um Príncipe e um Amor Com LIANE HAIDE, film alemão QUINTA FEIRA, 10

Noites de Príncipes Com GINA MANÉS DOMINGO, 13

Mandrágora

Com IVAN PETROVITCH, film alemão QUINTA FEIRA, 17

O Colar da Rainha Com MARCELE JEFFERSON DOMINGO, 20

Shéhérazade

Com IVAN PETROVITCH, film da U. P. A. SEXTA FEIRA, 25

ASFALTO

Com JOE MAY, film da U. P. A.

A seguir:

A Cunha do Dentista, A vida de Francisco José de Austria, A Valsa do Danúbio, A Mulher da Mascara e O Caso de Helena Wihler.

Primeiro de Maio

DE
Martinho Gonçalves Velante

VINHOS E AZEITONAS
Rua das Constituições

Castele Branco

SAPATARIA ELEGANTE

DE
Gandido da Costa

Especialidade em calcado para homem, senhora e criança, tendo para isso grande sorteio de calçados, sapatinhos, meias e calcetas nacionais e estrangeiros. Total de compras de cinqüenta para todos os mediados, das melhores marcas.

TELEFONE 143

Rua P.º 1. Moste, 1 e 3

Rua Moisés Magro, 2 e 4

CASTELO BRANCO